

A DANÇA COM DEFICIENTES VISUAIS/ UMA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA INCLUSIVA

Leila da Cunha Abrahão/ Especialista em Ciência, Arte e
Cultura na Saúde, pelo Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

lcabrahao@gmail.com

RESUMO

Este estudo teve como objetivo relatar uma experiência educativa com dança, com indivíduos com deficiência visual e, como esse diálogo artístico vai sendo estabelecido. Esta experiência acontece semanalmente na Cia Livre Acesso/ Teatro e Dança Inclusivo e, este projeto faz parte da Escola Livre de Artes que funciona no Circo Voador, Lapa, Rio de Janeiro e atualmente o grupo de alunos com deficiência visual participa da residência artística do Centro Coreográfico da Prefeitura do Rio de Janeiro. Acreditamos que a dança permite um caminho em direção ao saudável, desde o momento em que contribui para estimular o desenvolvimento da criatividade, promove a independência de movimentos, resgata a autoestima e ainda contribui para sua inclusão.

Palavras-chaves: dança - deficiência visual – autonomia- educação

Apresentação/ A Trajetória

Tudo começou quando ingressei na Faculdade e Escola de Dança Angel Vianna, no Rio de Janeiro, no intuito de realizar o curso de reabilitação motora, após já ter concluído anos antes o curso técnico em Dança nesta mesma instituição, isso já se vão quase quinze anos. Ainda nesta escola, tive a oportunidade de participar de grupos de estudo sobre dança e deficiência, o que aguçava mais ainda meu interesse por uma arte que abarcasse esse público. Então ao assistir a uma apresentação de dança, da fisioterapeuta Rosana Barnabé com uma jovem cadeirante, me encantei. Percebi que dançar com pessoas com deficiência era então um desejo que acabaria me direcionando para uma pesquisa.

As primeiras experiências com esse público se deram quando há sete anos participei como facilitadora em práticas psicomotoras na Obra Social D. Meca, em Jacarepaguá, sob a orientação da bailarina Rosana Fachada, após ter concluído uma especialização em Psicomotricidade, na Universidade Castelo Branco.

Há quatro anos então, fui convidada a fazer parte da estrutura pedagógica da Cia Livre Acesso Teatro/ Dança Inclusivos que funciona na Escola Livre de Artes no Circo Voador, Lapa- RJ, voltada para pessoas com deficiências, como autistas, pessoas com síndrome de Down, síndrome de X-frágil, síndrome de Soto, com sequelas de paralisia cerebral e com deficiência visual, ou não.

A Cia Livre Acesso existe há sete anos e seu maior objetivo é promover através de oficinas multissensoriais e artísticas a integração dos

participantes com qualquer tipo de deficiência ao mundo social, em todos os âmbitos, a partir da apresentação de espetáculos de teatro e dança o que desenvolve a autoestima dos participantes e amplia seus aspectos sociais, comportamentais e intelectuais, é também um espaço de produção cultural, desenvolvendo as potencialidades artísticas dos participantes, através do aprimoramento de suas capacidades de expressão, relacionamento, espontaneidade, imaginação e percepção. Atendemos a 23 alunos com deficiências, divididos em dois grupos: adultos e jovens com deficiência visual e, jovens com deficiências: motora, intelectual e comportamental. O grupo de jovens e adultos com deficiência visual é o que me direcionou até esta pesquisa.

INTRODUÇÃO

Em qualquer atividade onde se estabelece um processo de aprendizagem pela arte, no caso, Oficinas de Dança, todo o indivíduo tem que participar de forma ativa, não sendo um receptáculo de informações e sim um experimentador, um investigador, usando todo o seu potencial criativo. A dança como ferramenta educacional adquire importância, haja vista a educação não se resumir à simples transmissão de conhecimentos, e sim, mais que isso, se caracterizar como um processo de desenvolvimento de sentidos e significados em que o educando, refletindo o mundo em volta, transforma a ele próprio. Para que os indivíduos cheguem a ser capazes de se transformar e transformar o ambiente, precisam ter sua potência de agir aumentada. Segundo o filósofo Espinosa, tais encontros nos afetam e podem ampliar ou diminuir a nossa

potência de agir, pois cada indivíduo é uma essência singular, isto é, tem seu grau de potência que corresponde a certo poder de ser afetado positiva ou negativamente.

Refletindo então sobre as ideias de Espinosa, buscamos em nosso trabalho, possibilitar um ambiente favorável ao desenvolvimento da expressão criativa de nossos alunos, proporcionando-lhes bons encontros e ideias que aumentam a potência de agir, levando-os a serem afetados pelo sentimento da alegria e prazer. O objetivo principal é fazer com que esses indivíduos vivenciem o funcionamento de seus corpos dentro das mais variadas possibilidades de movimento, integrando-os às sensações, que percebam o movimento em relação ao seu corpo e o corpo do outro, o seu espaço e o espaço do outro, e também a interação entre eles. As práticas educativas que mobilizam o corpo, como a dança, visam principalmente essa possibilidade: troca de experiências do indivíduo com ele mesmo e com o outro num ambiente favorável à liberdade de criação. A dança adquire então um significado importante para as pessoas com deficiência visual, à medida que ela proporciona um bom encontro, sendo uma possibilidade de o aluno desenvolver a consciência do próprio corpo, desenvolver a criatividade, e ainda contribuir para sua inclusão.

O grande estudioso do movimento, o bailarino Klaus Vianna, nos diz que: “A dança é um registro de vida, de força e de expressão de ser no mundo. (...) E a dança não significa apenas reproduzir formas. A forma pura é fria, estática, repetitiva. Dançar é muito mais aventurar-se na grande viagem do movimento que é a vida” (VIANNA, 2005, pág.112).

Tendo em vista essas questões, desejamos com este estudo mostrar como nossas oficinas de dança, enquanto ação artístico-educativa possibilita que essas pessoas possam desenvolver suas habilidades, explorem suas múltiplas potencialidades, aumentem sua autonomia, contribuindo para melhorar sua autoestima e que eles possam também participar do processo de configuração de novas significações na dança, possibilitando uma produção artística que dialogue com as diferenças, criando zonas de bons encontros e criatividade.

UMA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA CIA LIVRE ACESSO

As oficinas de Dança

As aulas aconteciam semanalmente num encontro com duas horas de duração e tinham como base os princípios da dança de contato e da análise e conscientização do movimento. O tema e os objetivos das aulas desenvolviam-se de acordo com a necessidade do grupo e, através de sugestões ou dificuldades observadas nas aulas anteriores. Ao trabalharmos com os alunos com deficiência visual nas oficinas, percebemos no início que os primeiros obstáculos a serem ultrapassados eram os decorrentes de sua insegurança para se localizarem no espaço e a dificuldade ao se expressarem corporalmente. Para muitos cegos, o medo de cair, leva-os a um estado de tensão muscular leve, uma prontidão constante nos músculos para resistir à queda. Como eles têm dificuldade de perceber o espaço físico à sua volta, tornou-se necessário o estabelecimento de pontos de referência táteis e

auditivos para que eles pudessem se orientar e se locomover pelos espaços. Experimentar o espaço com o próprio corpo é de suma importância para o cego que precisa compreender os limites deste espaço tocado por seu corpo para que mais tarde, possa orientar-se e locomover-se em espaços maiores, ampliando a formação do mapa mental do ambiente físico. Pela natureza da deficiência visual que é contrair com muita frequência os músculos do pescoço com padrões de tensão nessa região, propúnhamos inicialmente, exercícios de relaxamento, tendo como referencial teórico os princípios da Consciência do Movimento, proposto por Klaus e Angel Vianna. Algumas questões iam surgindo durante o desenvolvimento das nossas oficinas: como indivíduos sem o recurso da visão elaboram movimentos transformando-os em dança? Propúnhamos então exercícios corporais que eram percebidos por eles, pela linguagem oral e explorados pelo toque de seu corpo no corpo do outro para que todos pudessem se apropriar dos movimentos. Um dos recursos que usávamos para que eles também pudessem se apropriar do gesto e do movimento eram os princípios de Contato e Improvisação, que se baseia na sensação do toque e equilíbrio entre duas pessoas, de forma consciente, atenta e fluída, com a transferência de peso e impulso a partir do contato com o outro corpo. Dançar e mover-se pelas sensações que esse contato proporciona. A dança de contato, o movimento autêntico, a percepção do corpo do outro no seu corpo num diálogo que se dá a partir do despertar da consciência de si. Este corpo cego percebe o movimento da mesma forma que os indivíduos dotados de visão percebem? Propúnhamos então exercícios em que eles eram levados a explorar os movimentos pela sua descrição e pelas sensações que esse movimento provocava; diferentes dinâmicas e qualidades

de movimento que Laban propunha, faziam parte do nosso repertório, evitando assim um comportamento automático e ausente. Como base nos trabalhos de Laban, os alunos executavam movimentos com diferentes qualidades, como amplos, pequenos, rápidos, lentos, fortes e fracos, percebendo diferentes dinâmicas e intensidades. Tornava-se imprescindível sensibilizar o corpo, e isso se dava pela música, pelo ritmo, pela melodia que desencadeava o desejo de movimentar-se e dançar livremente. O que nos interessava não eram movimentos prontos e sim, as respostas que os alunos nos proporcionavam com seus corpos, fruto de uma construção pessoal que envolve percepções sinestésicas e perceptivas, desenvolvendo seus potenciais criativos. A cada dia nos surpreendíamos com as inúmeras respostas corporais que os alunos demonstravam em cada aula, a partir das inúmeras experiências que lhes eram oferecidas. O repertório de movimentos de pesquisa com os alunos ia aumentando a cada encontro e seus deslocamentos pelo espaço iam ficando mais seguros. Eles compreendiam o que estavam realizando e aumentavam em muito seus conhecimentos e sua expressão corporal. Segundo Garcia e Simon (apud Cintra, 2002, pág.4) a dança como recurso educacional tem o objetivo de desenvolver movimentos rítmicos, a coordenação, a harmonia e o controle dos movimentos, melhorando a postura, estimulando os proprioceptores, as reações de equilíbrio, criando habilidades motrizes básicas e artísticas. De acordo com estudo realizado por Valla (2006) com um deficiente visual, submetido a um programa de oficinas de dança de sapateado foi encontrado em seus resultados uma evolução na qualidade dos movimentos, melhorando o equilíbrio, locomoção na rua, evitando quedas, tornando-se mais independente.

Procuramos com esse estudo debater e sinalizar questões como a presença de corpos diferentes daqueles que são idealizados para estarem dançando, tanto com profissionais da área da educação quanto de outras áreas correspondentes e, como essas práticas de oficinas de dança podem estimular diferentes possibilidades de ensino/aprendizagem dos indivíduos com deficiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Educação dos Sentidos e mais**, Verus Editora, São PAULO, 2005.

BAVCAR, Evgen e outros. **O Ponto Zero da Fotografia**. Rio de Janeiro: Very Special Arts Brasil, 2000.

BUENO, J. G. S. **Educação especial brasileira: integração/ segregação do aluno diferente**. São Paulo: EDUC, 1993.

CHAUÍ, Marilena, **Janela da Alma Espelho do mundo**. In; NOVAES, Aduino (org.) O Olhar. São Paulo. Cia das Letras, 1998.

DUARTE JR. João Francisco, **O Sentido dos Sentidos, a educação dos sentidos**, Criar Edições Ltda., Curitiba-PR, 2001.

FERREIRA, Carlos Alberto de Mattos e RAMOS, Maria Inês Barbosa. **Psicomotricidade Educação Especial e Inclusão Social**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2007.

FREIRE, I D **O belo e o movimento: um estudo sobre dança- educação para pessoas não visuais**, Santa Catarina, 2000.

GÂNDARA, M. **A Expressão Corporal do deficiente visual**./Campinas: MEC Mendes, MG, 1985.

GIL, M. **Deficiência Visual**. Caderno da TV Escola. MEC. Secretaria de Educação à Deficiência, 2000.

GOLIN, A.F **Dança e Movimento; um significado para a pessoa portadora de deficiência visual**, disponível em HTTP: // 200.156.28.7/ Nucleus/ media/ common/ Nossos meios- RBC- revista Abr. 2002.

JANNUZZI, G. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. Campinas/SP: Editores Associados, 1992.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**, Summus Editorial, São Paulo, 1978.

LOPES, A. Elisabeth (org.). **Diversidade na Arte- Olhares sobre uma Prática**, Prefeitura Rio, 2008.

LÚRIA, A.R. **Fundamentos de neuropsicologia**, Rio de Janeiro/São Paulo: Livros Técnicos e Científicos/Edusp, 1981.

MARCELINO, C.N. (org.) **Introdução às Ciências Sociais**, Papyrus Editora, 1998.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.

MEYER, M.C. **Psicomotricidade, memória corporal e educação**. In: Hermant, G. O corpo e sua memória. São Paulo: Manole, 1988.

MILLER, J. **A Escuta do Corpo, abordagem da sistematização da técnica Klauss Vianna**. Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

M.MERLEAU-PONTY. **O Visível e o Invisível**, Editora Perspectiva S.A., São Paulo, 2000.

PETO, A.C. **Terapia através da dança com laringectomizados: relato de experiência**. Rev.latino-am.enfermagem. Ribeirão Preto, v. 8, n. 6, p. 35-39, dezembro 2000.

RABELO R.J, RIBEIRO G.M, SILVA C.A, **A Influência da dança no equilíbrio corporal de deficientes visuais** / rev. DIG de Ed. Física/ Movimentum, 2008.

SACKS, Olivier. **Um Antropólogo em Marte**, Cia das Letras, Rio de Janeiro, 1995.

Um Olhar da Mente, Cia das Letras, 2006.

VIANNA, Klauss. **A Dança**, Siciliano, São Paulo, 1990.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

VISHINIVETZ, B. **Educação do Corpo para o Ser**, Summus Editorial, São Paulo, 1975.